

O FENÔMENO RELIGIOSO COMO EXPERIÊNCIA UNIVERSAL

*Texto para estudo elaborado pelo
Prof. Antonio Boeing AEC/SP*

O nosso estudo tem como objetivo principal a compreensão do *ser humano religioso*, partindo do pressuposto que a religião é uma construção humana feita historicamente. Pretendemos analisar a religião como *um modo de conhecimento e de compreensão do mundo, como o lugar de atribuição de sentido aos dados da realidade, e a conseqüente estruturação de sistemas simbólicos*.

No processo de estudo do fenômeno religioso procuraremos esclarecer algumas funções sociais que as tradições religiosas desempenham na sociedade. Compreender como elas se articulam para situar-se em cada momento e realidade concreta.

As religiões nascem a partir das perguntas que o ser humano se faz para situar-se dentro do contexto histórico. As religiões tentam explicar o presente e procuram entender a origem e a direção futura do ser humano. É a tentativa de responder as questões: De onde vim? O que estou fazendo aqui? E, para onde vou?. Mas, a base essencial das religiões é situar-se no presente e dar sentido à existência humana. Neste sentido cada religião quer oferecer uma orientação global, dando sentido às coisas. Ele cria valores e normas, constrói a realidade a fundo. Interfere no rumo da história. Como a religião realiza esta função? Quais são os elementos desta construção? Quais as suas possíveis representações e codificações? O que pretendem? São algumas das questões que se colocam quando nos propomos analisar o fenômeno religioso.

A valorização do ser humano pelo: ter, poder, ser, saber – são expressões de uma não história. Pois exclui e seleciona quem pode ou não participar dos bens da sociedade. É diante do “caos”, do desencantamento que o ser humano intensifica a produção religiosa, “expressa e supera a sua fundamental angústia existencial e econômica através de mecanismos que ele mesmo cria para sobreviver e para evitar submergir na não-história”. Neste sentido as religiões nascem da transparência das manifestações para a realidade última, realidade que transcende o cotidiano na busca de sentido.

Para viabilizar seus anseios, sonhos, esperanças o ser humano cria símbolos. Ele tem necessidade dos símbolos para a sua orientação e ordenação do mundo em que vive. O símbolo é um nexos no qual se mantém a diferença original entre a manifestação terrena e o sagrado que nela se manifesta, mesmo que ambos formassem uma única experiência. O ser humano tem a tendência de dominar o que está além. E, é neste dinamismo que a religião se articula como alternância entre o sagrado e o profano.

Nos perguntamos: Por que aprofundar o fenômeno religioso?

- Numa sociedade em que as religiões estão em efervescência é de fundamental importância compreender este fenômeno.
- Evitar a absolutização da nossa experiência religiosa – como sendo a melhor.

- Perceber a relatividade de nossa experiência e evitar passar o rolo compressor sobre as múltiplas experiências.
- Sintonizar com a problemática real, talvez ela não seja como imaginamos. Perceber como a vida e o religioso se articulam e efetivamente são e, não como gostaríamos que fosse.
- Clarear a nossa visão de homem, mulher, mundo, sociedade, igreja, de si mesmo, natureza, economia, política, etc.
- Perceber que somos frutos de uma cultura e, que ela condiciona o nosso agir, linguajar, modo de ser.
- Perceber que nossa experiência é parcial, mesmo que a sociedade seja globalizada. E então, possibilitar a compreensão das interações do micro com o macro e vice-versa.
- Pensar o fenômeno religioso dentro dos fatos corriqueiros da vida, dos conflitos que determinam a qualidade e forma de vida do ser humano.
- Construir o nosso saber sobre as múltiplas religiões a partir do ser concreto, ser “carne”.
- Desvendar o drama das religiões entendendo-se como ser-no-mundo e ser-em-relação.
- Detectar as reais aspirações dos construtores das religiões.
- Sistematizar o fenômeno religioso para não reproduzirmos dogmas que robotizam o agir e, conseqüentemente inviabilizam o diálogo.
- Desmitificar os preconceitos para poder dialogar com o diferente.
- Compreender o fenômeno religioso através de olhares interdisciplinar.

1. Questões preliminares

1. 1. *Religião é um fenômeno universal*

Não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião e magia. Tampouco há povos primitivos sem atitudes científicas ou ciência, mesmo que se lhes fosse negada esta capacidade. Encontrou-se nestas sociedades ... duas esferas distintas, o sagrado e o profano; em outras palavras, o domínio da magia e religião como o da ciência" (Malinowski 1983).

=> não há época nem espaços humanos sem religião; não existe vácuo religioso; sua difusão é universal.

1. 2. *Religião é um fenômeno multiforme*

=> não existe a religião, senão religiões. "Religião realmente só existe em religiões" (Frick).

pluralismo:

- existência de diversas religiões: monoteísta, politeísta, mito, revelação profética, escritura sagrada / tradição oral, otimista / pessimista em relação à vida humana
- dentro da mesma religião: sacerdotes / povo, escravo / livre, homem / mulher, nascimento, desenvolvimento, morte de uma religião), contato com outras religiões, substituição, modificação, desprezo da outra rel., transformações e continuidade.

1.3. *Religião é um fenômeno profundamente humano*

“O que nós podemos captar é a experiência do sagrado através do homem, i.é., daquilo que ele nos fala sobre ela por meio de sistemas de expressão teóricas, conceituais, rituais ou simbólicas, linguagens todas elas, por natureza humanas” (Meslin 1978:13).

- Só captamos a experiência do outro dentro das nossas possibilidades e limites. Isto é, somos condicionados pela visão que possuímos e pelos instrumentais que utilizamos para ver o outro. É preciso também observar quem nos fala de sua experiência e tomar uma distância metodológica conscientes de que não há neutralidade.

2. O que entendemos por religião?

possibilidade / impossibilidade de definição

- etimologia: re-ligere (amarrar de novo)

re-legere (re-ler)

re-eligere (voltar a escolher, aceitar em definitivo)

= a etimologia é incapaz de oferecer uma definição

- religião = crença em espíritos (Tylor)

conjunto de mitos e ritos

resultado funcional da sociedade e da vida

uma esfera de valores

relação com algo

"Todas as definições propostas mostram que religião é algo que se subtrai a uma definição, talvez esteja aí uma parte de sua essência" (Goldammer 1969:114).

Wittgenstein: uma boa definição deve ser como um abajur que concentra sua luz num certo lugar sem, porém, de deixar iluminar o que fica na margem do lugar = os limites devem ser fronteiras flutuantes. _____

/ \
/ \
.....

A definição perfeita não existe, uma definição reduz a realidade a palavras; qualquer definição deve ser mais útil do que verdadeira, por que ela é um instrumento de trabalho e não a finalidade da pesquisa; deve-se levar em conta a subjetividade de uma definição. (Droogers, 20-24). A linguagem é sempre condicionada pelo contexto onde foi e continua sendo elaborada, por isto, ela determina a visão de mundo e conseqüentemente os seus limites.

2.1. *a partir do seu objeto*

religião = crença em seres sobrenaturais: Deus, deuses, espíritos

= comprometimento com outra realidade – sagrado

2.2. *em vista de sua função*

religião = resolver problemas existenciais

legitimar a ordem social

proteger a pessoa contra a angústia etc.

- religião é o encontro do homem com uma realidade sagrada e a ação correspondente a esta.

3. Antropologia da religião

"Ora, uma vez que toda religião se embasa essencialmente num conjunto de tradições às quais as sociedades atribuíram um valor central e agregativo, é possível compreender como a abordagem antropológica do fato religioso esteja orientada no sentido de esclarecer a função que a tradição desempenha nesta perspectiva, seja em sentido sincrônico (funcional ou estrutural), seja em sentido diacrônico (enquanto o fenômeno religioso possui longa duração).

A antropologia aplicada à religião "se estabelece, escreve A. Dupront, como "conhecimento do homem religioso", bem como "análise dos mecanismos mentais" e comportamentais que presidem ao ato religioso seja ele individual ou coletivo. Ela não se coloca finalidades de ordem essencialística (competência que é atribuído às filosofias da religião) ou de análise exclusiva das instituições religiosas (tarefa associada à sociologia da religião), mas tende a considerar a religião seja como *modo de conhecimento e de compreensão do mundo*, seja como *lugar de atribuição de sentido aos dados da realidade*, em particular àquelas valências do real que da parte de um grupo são vividas como negativas ou implicando situações de risco e de crise.

O que interessa sobremaneira à antropologia é a "pretensão" da religião de se colocar como lugar ("topos") de *doação de significado à totalidade do real e a conseqüente estruturação de sistemas simbólicos* (mítico-rituais) através dos quais se efetua a doação de significado. Nesta perspectiva, aparece apropriada, em relação ao papel da religião, a *função* que Althusser atribui à ideologia: "Uma ideologia é um sistema (que possui lógica própria e rigor específico) de representações (imagens, mitos, idéias ou conceitos segundo o caso) dotadas de uma existência e de uma função histórica do âmbito de uma dada sociedade (...) mas estas representações (...) além do mais, são imagens, algumas vezes conceitos, mas, sobretudo, são estruturas, e como tais se impõem à grande maioria dos homens sem passar através da sua *consciência*".

O itinerário da antropologia religiosa, assinalado por uma longa investigação sobre as *origens da religião* (que, ao final, se revelou um pseudo-problema), está agora chegando a objetivos mais limitados, tendentes a fixar o *papel* que a religião *exerceu* ou *exerce*, no contexto das outras dimensões da vida associativa. Daqui resultam as sempre mais freqüentes intersecções que intervêm entre análise antropológica e análise sociológica do fenômeno religioso, particularmente, quando a primeira retém como fundamental o estudo das estruturas sociais (é o caso da antropologia social), enquanto a segunda prolonga seus próprios interesses no âmbito dos sistemas simbólicos (é o caso de estudiosos como T. Luckmann, P.L. Berger e R. Bellah) .

"Enfim, importa sublinhar que constitui mérito precípua da antropologia social o haver proposto à atenção dos estudiosos aquelas formas religiosas especiais surgidas como reação das culturas etnológicas à presença colonial européia, constituídas pelo profetismo, messianismo e

milénarismo: movimentos sócio-religiosos de tipo sincrético, com intersecções de cultos nativos e pregações cristãs dos missionários, na maioria dos casos.

(Martino) "o homem, escreve ele, expressa e supera a sua fundamental angústia existencial e econômica através de mecanismos que ele mesmo cria para sobreviver e para evitar de submergir na não-história. Ele entende história e antropologia em relação estreitamente interdinâmica. "História das religiões significa fazer história das culturas e identificar a figura do homem que vive religiosamente no interior das estruturas de sua cultura que não podem ser canceladas ou colocadas entre parênteses".

O nosso estudo é sobre o fenômeno religioso. Seu objeto é o mundo do sagrado, o universo religioso do ser humano, multiplicado por tantas perspectivas como culturas humanas. Para entender isso é importante lembrar que há duas maneiras de abordar o fenômeno religioso:

- uma *a partir de dentro* (teologia):

a teologia, como ciência normativa, é um discurso do ser humano sobre Deus, a essência mesma de uma religião, considerada a única verdadeira e autêntica, elaborando racionalmente a fé, procurando dar resposta às perguntas: que devemos crer? porque devemos crer isto?.

- outra *a partir de fora* (ciência das religiões)

a ciência das religiões, na qual incluímos, o nosso estudo se interessa por tudo quanto os seres humanos crêem e quer chegar a uma compreensão do ser humano religioso.

-> distanciamento metodológico

É importante ter presente que só temos acesso ao ser humano que nos fala de sua experiência (individual ou coletiva) de uma realidade que ele considera superior a si mesmo. Só podemos ascender ao sagrado através do ser humano. Os símbolos religiosos não são pedras caídas do céu. Estão enraizados na totalidade da experiência humana. Só podemos compreendê-los tendo em conta o contexto social e cultural em que se têm desenvolvidos.

Diante disso coloca-se o problema hermenêutico: *como ler e decifrar as diversas linguagens - ritual, mítica, conceitual - pelas quais o ser humano expressa sua busca e sua concepção do sagrado.*

4. O homem religioso

Partimos da idéia de que a religião pertence desde sempre ao ser humano. Nunca houve, por assim dizer, "ser humano em si" ao qual, por um ou outro motivo, fosse acrescentado a religião. A origem da religião coincide com a origem do homem.

(cf. Eliade 1983: 14: "ser - ou, antes, tornar-se - homem significa ser religioso").

Partindo do "homem religioso" devemos em primeiro lugar explicitar esta constante antropológica. Quem é este homem? Como situá-lo no mundo? É ele que nos fala de uma realidade que ele considera superior a si mesmo. Que relações ele estabelece com esta realidade?

Quais as causas destas relações? Que realidade (transcendente) é esta que influencia sua vida, seu comportamento, sua sorte?

No ato religioso podemos distinguir dois movimentos: 1) a captação do sagrado pelo homem, considerado como uma realidade objetiva e transcendente através de uma experiência racional e/ou emocional, poética ou simbólica e 2) a expressão que ele oferece de dita realidade ao fazê-la imanente. Aí não se trata de uma simples descrição do sagrado como objeto exterior ao homem, mas sim de um testemunho de uma relação entre o homem e outra coisa, de uma posse particular pela qual intenta modificar sua própria vida.

Pensando o homem e seu estar-no-mundo podemos ressaltar três aspectos fundamentais: o homem é (1) um ser aberto ao mundo, (2) relação vivida (3) um ser simbólico.

4.1. Ser humano - um ser aberto

O ser humano nasce deficiente no plano genético quanto à sua adaptação ao mundo. Esta inadaptação originária obriga-o a inventar, a transformar a natureza para que ela se ajuste às suas exigências. Como qualquer ser vivo ele enfrenta o problema da sobrevivência. Enquanto o animal está com uma programação biológica completa que o adapta ao seu meio ambiente, o ser humano, devido à falta de tal programação fechada, tem que criar mecanismos de adaptação. Para transformar o mundo em que ele se encontra, ele inventa técnicas e instrumentos, que podem ser considerados extensões do seu corpo. Mas esta transformação da natureza é também um ato de organizá-la simbolicamente para poder orientar-se. Assim o puro universo físico torna-se um universo simbólico (= universo humano), onde a linguagem, o mito, a arte, a religião etc. têm o seu lugar. Neste sentido, o ser humano pode ser definido como animal simbólico (Cassirer), como criador de imagens que ganham uma existência autônoma e voltam a invadir o mundo humano.

O ser humano, portanto, está adaptado à inadaptação biológica. Fala-se de uma brecha antropológica, onde se dá a transição do organismo para a pessoa humana.

4.2. Ser humano - um ser relacional

A concepção de Heidegger do homem como ser-no-mundo o revela como relação vivida. É uma relação que pode apresentar-se como ser-em, ser-com ou em tantas outras formas. Assim, o homem somente é homem enquanto é mais que este homem. Isto quer dizer, que se entende melhor o ser humano como um estar constante e vivo debaixo de um apelo que parte dos fenômenos deste mundo e como um responder constante e vivo a este apelo. A partir desta compreensão do ser humano podemos dizer então, que a religião é originalmente o apelo ou o acontecimento do divino, do sagrado, de Deus ao ser humano e a resposta do ser humano, pertencente a este apelo. Assim a religião é uma grandeza viva resultando do jogo entre apelo e resposta.

Olhando mais de perto, mostra-se que este apelo inicial ou o acontecimento inicial do Sagrado é um manifestar-se ou identificar-se do Sagrado nas ou com as coisas do mundo, que

como tais pertencem ao respectivo estar-no-mundo histórico dos homens. Isto é: O Sagrado e Eterno manifestam-se nas formas limitadas, finitas e passageiras do mundo.

As religiões nascem da transparência das manifestações para a realidade última. Assim, o nexos fenomenológico entre as manifestações e o Sagrado que nelas e por elas transparece pertence à origem da religião: um nexos no qual se mantém a diferença original entre a manifestação terrena e o Sagrado que nela se manifesta, mesmo que ambos formassem uma única experiência. É este nexos que chamamos símbolo: a coincidência num uno da experiência ou do apelo no qual se mantém a diferença entre o sinal e o que nele se manifesta.

Este acontecimento original da coincidência do Sagrado com sua manifestação finita não pode ser separado do ser humano ao qual ele se revela. Faz parte do contexto indivisível do seu ser-no-mundo. Isto é, o outro lado do mesmo acontecimento: o ser humano, sendo atingido por este acontecimento, somente se torna humano, abrindo-se para ele e envolvendo-se com ele.

Esta unidade bilateral pode ser considerada um diálogo no qual os dois lados se encontram sem conhecer de antemão o resultado. Trata-se de um diálogo misterioso e em muitos aspectos único. Pois ele é o fundamento e a condição de todos os outros diálogos. O Deus santo fala (da sua parte) em modos e símbolos variáveis, e o ser humano, por sua parte, responde de muitas maneiras. Sem esta participação de ambos não se dá o fenômeno que chamamos religião. A resposta humana, ou sua disposição, pode percorrer muitas variações e degraus, pode ser forte e original, mas pode ser fraca também. Pode-se até chegar ao ponto de o ser humano se fechar por completo. De tudo isso, partindo dos dois pólos do único acontecimento da origem da religião, resulta o espectro de variações possíveis. E isto não apenas em vista do indivíduo, mas também em vista daquilo que determina a sociedade humana como um todo no seu processo histórico. Estas variações são o espaço, o lugar da história das religiões. Ela mostra o jogo das variáveis e das manifestações do Sagrado no mundo e das maneiras variáveis do ser humano responder a elas: "Da tensão entre o Sagrado e sua manifestação finita desenvolve-se a HR" (Tillich). Deve-se acrescentar a esta tensão ainda a tensão com as variáveis da disponibilidade ou recusa humana.

São duas as relações primárias que definem o estar-no-mundo do ser humano: a sua relação com a natureza e as relações sociais.

Os símbolos nos quais o Sagrado aparece, pertencem em primeiro lugar àquilo que pode ser chamado o mundo primário do ser humano. Por ser primário continua sendo o fundamento permanente de todas as formas históricas posteriores do mundo vital do ser humano. Este mundo primário, muitas vezes, mas de forma não muito precisa, é chamado natureza. Natureza, no sentido moderno da palavra, é a natureza que pode ser objetivada; mas aqui trata-se da relação, não totalmente objetivável, dos objetos do mundo com o ser humano dentro da existência humana, pensada como ser-no-mundo. O mundo, sempre é natureza e cultura. Deixando, portanto, de lado a diferença entre natureza e cultura, falamos do mundo primário do ser humano.

Diante da **natureza** o ser humano experimenta-se como um ser dependente das forças naturais. A construção simbólica é um reflexo imediato desta experiência e a procura de encontrar e explicar as causalidades daquilo que se vive. O ser humano primitivo as encontra sob a forma de multidão de espíritos (que ele personifica de modo análogo aos seres humanos ou não) superiores em vontade e inteligência, como uma realidade em si mesma e independente do ser humano. São seres ambivalentes, fazendo o bem e/ou o mal. Diante destas forças o ser humano procura proteção e desenvolve práticas para agradar e/ou afastar estes espíritos para assegurar a sobrevivência do indivíduo e/ou grupo. As práticas rituais têm como objetivo neutralizar as forças adversas, agindo direta e eficazmente sobre elas.

O outro tipo de relações fundamentais são as **relações sociais**. Só a pertença do indivíduo ao grupo garante-lhe a vida e o integra na ordem cósmica. A relação é tanto harmonizante como antagonista. A produção simbólica tem portanto a função de superar as contradições como de desenvolver o sentimento de pertença (caráter harmonizador). São os ancestrais e/ou divindades, heróis-culturais que com sua vida exemplar são modelos de conduta. São eles que protegem o grupo. Culto e mito têm uma função iminente integradora e exemplar, procurando suscitar a solidariedade e frear os desvios individuais. Solidariedade e fecundidade são valores que correspondem à necessidade de sobrevivência.

4.3. Ser humano - um ser simbólico

Os símbolos são algo próprio do ser humano. Ele tem necessidade dos "símbolos" para a sua orientação e ordenação do mundo em que vive (cf. acima).

No seu sentido original (grego) significava a parte de uma tábua (ou anel) que os parceiros de um pacto conservavam como sinal de reconhecimento. A união dos fragmentos permitiu-lhes reconhecer sua amizade e atestava que a união concluída havia permanecido intacta durante o tempo de separação. Era uma imagem bonita que manifestava a unidade conservada na diversidade.

Por isso, o símbolo, originalmente, é um *sinal de relação* pelo qual se reconhecem os aliados. Sua primeira função é estabelecer um vínculo, uma *relação entre as pessoas*. Nesta função antropológica conta somente a função de referência do símbolo, sua comunicabilidade, que tem um valor apenas quando é compreensível, perceptível a todo um grupo humano.

Uma outra função do símbolo consiste em expressar a *relação entre os seres humanos e o cosmos*. O ser humano interpreta e transpõe a experiência imediata que faz de cada coisa. Ele dá um significado e/ou sentido aos fenômenos que verifica. E é exatamente esta interpretação o que se torna a realidade vivida pelo ser humano (é próprio do ser humano!). Neste sentido podemos dizer que o ser humano é um ser que simboliza ao mesmo tempo em que conceitua, i.é., em que busca o sentido das coisas. Estas relações do ser humano com o cosmos, sem dúvida, não são do tipo conceitual. O símbolo desperta certas intuições, libera umas significações análogas, formadas mais ou menos espontaneamente no espírito humano, quer dizer, são portadores de um sentido imediato. Trata-se, pois, de uma linguagem que atua por sua vez na e

sobre a matéria psíquica, e pela qual o ser humano sente, muito antes de compreendê-la, sua experiência imediata. Essa linguagem simbólica expressa a representação de uma participação realmente vivida pelo ser humano ou sugerida por uma analogia com algo diferente a ele ou o que o excede.

Toda operação simbólica consiste, pois, em transformar um objeto qualquer em algo diferente, convertido em sinal de uma realidade considerada mais elevada, mais ampla ou (até) transcendente ao ser humano. É o espírito humano que transfere a um objeto material e visível um significado invisível o que lhe confere uma dimensão superior. MESLIN (1978:203) define a simbolização como a "capacidade do homem para superar a aparência material das coisas". É porém necessário acrescentar que toda operação simbólica está condicionada por um conjunto social, cultural, religioso, cujo conhecimento se requer para a interpretação conveniente do sentido do símbolo.

Esta segunda função do símbolo aproxima-o ao **arquétipo** (junguiano). Arquétipos são as possibilidades de representações comuns a toda a humanidade, uma espécie de disposição para produzir sempre as mesmas representações míticas (dispositivo inato). Dentro desta perspectiva o símbolo é a manifestação consciente de um arquétipo, numa forma concreta, realizada sob a influência de fatores externos ao sujeito: tradição, cultura, situação em relação à sociedade, etc. O símbolo é a roupagem histórica dos arquétipos.

Quando se usa o termo **hierofania**, como Eliade, é necessário lembrar que não existe simbolismo anterior ao ser humano, pois é ele que cria seus próprios símbolos (mas não a partir do nada). A idéia de um simbolismo cósmico ou natural, imposto ao ser humano como uma espécie de revelação teofânica é empiricamente inadmissível.

A imagem primordial da montanha sagrada como hierofania natural: não o é porque a sua forma orográfica seja por si significante, senão porque o ser humano lhe outorga um sentido mais profundo, vendo neste relevo natural o lugar de uma manifestação do sagrado.

Nesta linha de pensamento, a hierofania é resultado de uma operação simbólica pela qual a pedra, a árvore, a água são consideradas sede de algo sagrado, e que somente são veneradas na medida em que já não são simples pedra, árvore, água ... A sacralização do elemento natural somente existe, portanto, a partir do momento em que representa algo diferente de si mesmo.

Os símbolos vão desde os sinais convencionais arbitrários (+ - & #), passando por gestos e palavras, até os tipos de linguagem, imagens e ações que, de certo modo, encerram o significado e a interpretação que transmitem.

Teoricamente tudo o que pode ser percebido pelos sentidos pode tornar-se símbolo. Mas não basta perceber algo com os sentidos e qualificá-lo (p.ex. entender o coração apenas como parte do corpo). Nisso ainda não falamos de símbolo.

O símbolo sempre aponta para algo. A relação com este algo é fundamental. Esta vai além de sua forma.

Símbolos são sinais empiricamente perceptíveis que, além do seu reconhecido significado primário, apontam para um outro significado tornando-se desta maneira ponto central de pensamentos e emoções e ações que estão relacionados com este significado.

Símbolos estão enraizados numa cultura e visão do mundo (cf. Douglas: a percepção, bem como sua interpretação, são socialmente determinadas); são culturalmente marcados e condicionados. Somente pelo conhecimento do seu contexto cultural podem ser entendidos.

exemplo: a **linguagem**

- dá nome às coisas -> possível falar das coisas ausentes, invisíveis, abstratas, futuras
- dá nome às pessoas -> constrói a estrutura social
- dá nome aos dias ... -> abre a dimensão do tempo
 - > planejamento, história

==> o mundo torna-se manipulável, é possível dar sentido à realidade, entender e explicá-la.

exemplo: a **água**

- H₂O = sinal com um significado só (devido à convenção), não é um símbolo. Só pode ser entendido como água (matéria).
- diferentemente a "água" como palavra e objeto: --> mais significados:
 - símbolo da vida, origem de toda a vida - fertilidade
 - símbolo da destruição (dilúvio)
 - símbolo da purificação, pureza

O que é experimentado simbolicamente, não depende apenas do sinal, mas também do seu contexto cultural.

exemplo: a **mão**

- sinal de poder da intervenção salvífica (ajuda da divindade), Cf. 2Sm 24,14 esta mão pode salvar, mas também castigar 5,5.24
- na iconografia cristã: "a mão que sai da nuvem" - um dos símbolos mais antigos e, por muito tempo o único, de Deus (a mão está para o corpo, a parte para o todo)

A *ação simbólica* tem um significado existencial muito grande para o ser humano. Expressa seu conhecimento que tem das forças / poderes que estão além de sua esfera de influência. O comportamento humano, enraizado nesta consciência, assume formas concretas nas ações simbólicas.

As mãos e as palavras são os instrumentos mais poderosos de comunicação com os deuses: purificam, consagram e constroem o vínculo entre o céu e a terra. A magia se nutre dessas capacidades e conduz os efeitos dos símbolos religiosos a objetivos precisos e imediatos.

A ação simbólica dos gestos da mão é muito grande no dia-a-dia e nos ritos religiosos:

- abraço: proximidade, calor, calma, proteção
- contato (tocar): transmissão desses valores humanos.

Tais gestos mostram claramente que há uma relação intencional pertencente à ação simbólica (cf. círio pascal - água batismal). O significado simbólico do "tocar" expressa-se em

todas as formas de contato: tocar, olhar, cheirar, ouvir. A ação simbólica é uma forma complexa e coerente em que diversos símbolos interagem.

Resumo:

A ação simbólica pertence à vida humana. Ela reflete a autoconsciência dos seres humanos, sua conduta social, seu comportamento frente à realidade toda. Símbolos e especialmente ações simbólicas dão testemunho do esforço e comportamentos humanos de se orientar no seu mundo.

Cada religião quer oferecer uma orientação global, dando sentido às coisas. Ela cria valores e normas, constrói a realidade a fundo.

Como a religião realiza esta função? Quais os elementos desta construção? Quais as suas possíveis representações e codificações?

No centro destas questões está o termo *símbolo!*

Todo símbolo é uma realidade ou um aspecto do mundo visível, que remete a *outra coisa*, que é um segundo sentido, captado em *transparência* através do sentido primário ou natural.

A religião que aponta para o além do tangível, do humano e do cotidiano, sua expressão e comunicação são obrigatoriamente simbólicas.

O simbolismo religioso abrange especialmente:

- as palavras religiosas e um emprego especial da linguagem comum (linguagem sagrada: latim, sânscrito)
 - objetos visíveis (representação visual do sagrado)
 - ações (ritual)
 - música, danças etc.
- = e combinações destes elementos

Símbolos têm um grande papel em todas as atividades religiosas. Não há religião sem símbolos. Tudo pode tornar-se símbolo quando há um significado que vai além daquilo que a pessoa vê, ouve, sente, cheira ou toca. O próprio do símbolo é o fato de ele sempre apontar para algo que não pode ser compreendido imediatamente. Eles (os símbolos) expressam significados que não podem ser percebidos diretamente pelos sentidos. E é justamente este mundo dos símbolos que nos causa problemas no encontro com outras religiões e culturas, porque o significado de cada símbolo está estreitamente relacionado com o todo da cultura de cada povo.

Neste texto retratamos apenas alguns pressupostos que são fundamentais para analisarmos o fenômeno religioso. Para entender o fenômeno religioso é preciso entender o ser humano na sua totalidade, compreendê-lo em suas dimensões biológica, psicológica, social e transcendental. Olhar o ser humano por apenas uma destas dimensões é fragmentá-lo. O fenômeno religioso em sua dimensão transcendental não é isolada das outras dimensões. Há uma inter-ação. É belo e desafiante o caminho para compreender as questões do ser humano sobre o sentido da vida e porque ele busca de forma incansável o transcendente? É preciso seguir pesquisando, observando todas as inter-ações no cotidiano da vida para detectar o que realmente

o religioso acrescenta ao real, muitas vezes árido e frio, para que a dimensão religiosa favoreça o desabrochar da vida.

Bibliografia

ALVES, R. *O Engima da Religião*. Papirus, Campinas, 1988.

_____. *O que é religião?* Brasiliense, 1984.

ANJOS, M.F.(org.) *Experiência religiosa risco ou aventura?*. SOTER/Paulinas, SP, 1998.

CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. Perspectiva, SP, 1985.

DESROCHE, H. *O homem e suas religiões*. Ciências humanas e experiências religiosas. Paulinas, SP, 1985.

DROOGERS, A. *Ciências da religião*. IECLB, São Leopoldo, 1984.

ELIADE, M. *Tratado de história das Religiões*, Martins Fontes, SP, 1993.

_____. *Mito e realidade*. Perspectiva, SP, 1986.

PIAZZA, W. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Vozes, Petrópolis, 1983.

VVAA. *O Humano, lugar do Sagrado*. Olho d'água, SP, 1995.